

O ano de 2013 foi especial para a área de Linguística Aplicada (LA), em geral, e para o campo da ensinagem de línguas, em específico. Nesse ano, foram celebrados os 90 anos de Maria Antonieta Alba Celani, a responsável por, no início da década de 1970, implantar no Brasil, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o primeiro programa de pós-graduação dedicado à LA: o então *Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas*. Em comemoração ao aniversário de Celani, dois livros foram lançados em um evento realizado na PUC-SP, em dezembro de 2013. O primeiro, *Maria Antonieta Alba Celani e a Linguística Aplicada: pesquisadores-multiplicadores em (inter)ações*, organizado por Paula Szundy e Leila Bárbara, agrupa trabalhos de ex-orientandos de Celani a partir da ideia de *professor multiplicador* (2003), por ela propagada em seus estudos. Já o segundo e aqui resenhado, *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani*, organizado por Luiz Paulo da Moita Lopes, reúne pesquisas na área de ensinagem de línguas desenvolvidas por colegas-professores da homenageada.

A obra organizada por Moita Lopes, publicada dentro da coleção *Lingua[gem]* da Parábola Editorial, é composta por 286 páginas, divididas em 10 capítulos, precedidos de quatro diferentes seções: *Agradecimentos, Homenagem, Prefácio e Introdução*. Nesta, intitulada *Fotografias da Linguística Aplicada Brasileira na Modernidade Recente: Contextos Escolares*, Moita Lopes apresenta o direcionamento que os textos da obra seguirão, a saber, o estudo de “aspectos relativos à sala de aula de línguas, justamente por ser a área de maior interesse de nossa homenageada, e certamente, a mais desenvolvida no Brasil” (Moita Lopes, 2013, p. 16). Além disso, o organizador aponta como intenção do volume realçar ganhos epistemológicos e apresentar caminhos insurgentes para o campo. Sob essa perspectiva, Moita Lopes define a LA, em geral, e a área de ensinagem de línguas, em particular, como um campo de pesquisas situadas, de natureza ética e política, que considera o poder exercido sobre o processo de construção de conhecimentos particulares pelo viés da transdisciplinaridade. Além disso, o organizador acentua a preocupação da construção de uma LA engajada, que clama pela escuta daqueles grupos considerados *à margem*, o que provoca a necessidade constante de transformações epistemológicas na educação linguística brasileira.

O primeiro capítulo da organização, assinado por Angela B. Kleiman e intitulado *Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações*, centra-se na discussão sobre os rumos da LA como campo de construção de conhecimentos que atenta para o que Moita Lopes (2006) chama de “as vozes do sul”. Com esse propósito, Kleiman baseia-se nos princípios do Programa Modernidade/Descolonização (PM/D), formado por pesquisadores latino-americanos interessados pelo diálogo Sul-Sul, ao propor uma agenda que desafie a prática de pesquisadores da área de construir suas investigações a partir de epistemologias produzidas no hemisfério Norte. Se, por um lado, a proposta de Kleiman ressoa importante, uma vez que pode propiciar novos e situados rumos para a produção de conhecimento na LA brasileira, por outro, o próprio organizador do volume, em capítulo posterior, parece criticar tal proposta, ao afirmar que a visão adotada “não nasce de uma cabeça ou de cabeças isoladas em uma parte do mundo (...) [sendo essa visão] crítica de visões que clamam por um conhecimento brasileiro ou latino-americano e que compreende todo o conhecimento proveniente do hemisfério Norte como colonizador ou inadequado.” (2013. p. 2014).

O segundo capítulo, *A auto-heteroecoformação tecnológica*, de Maximina M. Freire e Vilson J. Leffa, aborda a formação tecnológica do professor de línguas. É argumento apresentado pelos autores que, no mundo em que hoje vivemos, tal formação deve ser repensada tendo em vista a necessidade de uma visão conceitual renovada e questionadora, o que levaria a uma compreensão auto-heteroecoformativa do processo. A partir dessa necessidade, Freire e Leffa elaboram uma crítica ao paradigma tradicional de formação docente, que se concretiza a partir da ideia de fragmentação da realidade, o que não dá conta da complexidade envolvida no processo educacional. Como alternativa, os autores apresentam o paradigma complexo para a formação

¹ Doutorando em Linguística Aplicada pela faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. E-mail: marceldeamorim@yahoo.com.br

docente, que permitiria a superação da visão fragmentada da realidade e a emergência de uma abordagem sistêmica do processo. A partir dessa perspectiva, Freire e Leffa centram sua discussão na questão tecnológica, afirmando que tal formação não pode vir compartimentada em uma ou duas disciplinas do currículo, mas deve sim atravessar todo o curso de Letras, o que possibilitaria a autoformação, a socialização do saber tecnológico e a emergência de uma reflexividade em relação ao papel das tecnologias na educação linguística de nossos tempos.

No terceiro capítulo da coletânea, intitulado *Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas*, Hilário I. Bohn coloca em foco os atores do processo educacional, professor e aluno, ao investigar as rupturas que caracterizariam a educação linguística no mundo contemporâneo. Com efeito, o autor clama pela escuta da fala de professores e alunos, raramente ouvidos. Essa escuta, de acordo com Bohn, só se daria a partir do surgimento de rupturas. Essas poderiam concretizar-se a partir da contribuição de três diferentes vertentes ao campo educacional: 1) as novas concepções de linguagem, sobretudo do Círculo de Bakhtin; 2) os estudos identitários e feministas; e 3) as contribuições da neurociência. É importante ressaltar que as contribuições do Círculo de Bakhtin já são amplamente aceitas por pesquisadores da área da educação e da LA (por exemplo, Freitas, 2005 e Szundy, 2013), assim como é possível perceber a influência cada vez maior dos estudos identitários (Moita Lopes, no volume). No entanto, Bohn acrescenta a seu texto a importante preocupação com o aspecto cognitivo da construção do conhecimento, que, por enquanto, ainda se encontra na periferia das pesquisas de ensinagem de línguas, em trabalhos desenvolvidos por, dentre outros, Gerhardt (2013).

Já no quarto capítulo, *Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética*, Inés Kayon de Miller procura discutir tendências na pesquisa sobre formação de professores no contexto nacional. A partir de uma análise da área, Miller aponta avanços alcançados por meio de pesquisas já desenvolvidas: por exemplo, a guinada em busca da compreensão do papel do professor como um participante de seu próprio processo de desenvolvimento profissional. Com efeito, a autora ressalta a importância do abandono de visões prescritivas e tecnicistas que subsidiariam o professor na sala de aula de línguas para aquelas que defendem o professor como sujeito ativo, que busca o(s) método(s) de ensino que traria(m) melhores resultados ao processo educacional. Como possível rumo para o campo, Miller apresenta a ideia de *prática exploratória* como uma importante ferramenta pedagógica investigativa, por impor-se como uma *pesquisa do praticante*, isto é, inaugurando uma postura antitecnicista que potencializaria a postura crítica esperada do professor.

Orlando Vian Jr., no capítulo *Linguística Sistêmico-Funcional, Linguística Aplicada e Linguística Educacional*, o quinto da obra, traça uma comparação entre os princípios que guiam a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e as agendas de pesquisa da LA brasileira e da Linguística Educacional (LE) australiana. O Vian Jr. demonstra que as reflexões da LE podem contribuir para a LA brasileira na medida em que ambas centram suas pesquisas na ensinagem a partir de um prisma interdisciplinar de caráter social. Com efeito, Vian Jr. enxerga a LSF como uma contribuição a esses campos, uma vez que essa se constitui como uma teoria geral da linguagem que permitiria tanto o foco no material linguístico quanto no processo social. No entanto, o autor aponta que, diferentemente do que acontece na LE australiana, a pesquisa brasileira em LA ainda não abarcou completamente as possíveis contribuições da LSF para o campo da ensinagem de línguas.

Num dos mais instigantes capítulos da obra, *Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas*, o sexto do volume, Kanavillil Rajagopalan retoma uma discussão comum ao seu trabalho: a prejudicial separação entre pesquisa em linguagem e política. Nesse contexto, ao abordar o ensino do português como língua materna, Rajagopalan destaca a inexistência de história contínua de políticas linguísticas que construiriam um discurso sobre a ensinagem dessa língua no Brasil. Já em sua abordagem das línguas estrangeiras, o autor aponta ser a situação ainda mais complicada, e sinaliza a importação de modelos estrangeiros como um dos principais problemas que afetam a qualidade do ensino desses idiomas nas escolas brasileiras. O autor termina seu capítulo inserindo-se na discussão que, desde o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira, permeia diversas pesquisas em LA: a habilidade a ser enfocada no ensino dessas línguas, o que, na opinião de Rajagopalan, constitui uma decisão a ser tomada em termos geopolíticos, e não apenas de acordo com o interesse local dos alunos em geral.

Roxane Rojo é a autora do sétimo capítulo da coletânea, *Materiais didáticos no ensino de línguas*, no qual discute o atual papel de materiais como perpetuadores de visões tradicionais de ensinagem. Além disso, a autora procura também problematizar o lugar desses instrumentos na sala de aula de línguas. Mantendo-se nesse enquadre temático, Rojo aponta caminhos para o desenvolvimento de materiais que permitiriam maior mobilidade por parte do professor e maior

adequação à realidade social dos contextos nos quais esse instrumento é utilizado. Para tanto, a autora apresenta uma discussão sobre os livros didáticos tradicionais e a ideia de sequência didática, perscrutando a exequibilidade desses materiais na sala de aula brasileira. Por fim, Rojo discute o papel possível das Tecnologias da Informação e da Comunicação no processo educacional, em especial na área de ensinagem de línguas. O foco da autora recai, desse modo, no livro digital, nos chamados recursos educacionais abertos e nos protótipos de ensino. É relevante sinalizar a visão sóbria da autora em relação à utilização de tecnologias na ensinagem de línguas que, longe de indicarem o fim de práticas de leitura, podem propiciar novas e múltiplas formas de letramentos.

Já Inês Signorini, em *Bordas e fronteiras entre escritas grafocêntricas e hipermidiáticas*, oitavo capítulo da obra, discute duas diferentes práticas de escrita – a grafocêntrica e a hipermidiática –, e as visões de texto e leitura delas decorrentes. Para tanto, Signorini problematiza a ideia de que as escritas hipermidiáticas se diferenciariam completamente das escritas grafocêntricas, uma vez que o texto escrito se constituiria como a parte central dos computadores, sendo utilizado também na comunicação entre usuário e máquina. A partir dessa constatação, Signorini apresenta as características das escritas hipermidiáticas, problematizando o anseio pela universalidade comum a essas práticas. Por fim, a autora sinaliza ainda a relevante mudança que a prática hipertextual desempenha no conceito de leitura, afirmando que “ao invés de se trabalhar com a ideia da construção do texto como uma estrutura feita de pistas estrategicamente dispostas pelo autor para que o leitor recupere ou reconstitua os significados por ele pretendidos, trabalha-se com a ideia do texto como estrutura significativa que atenda aos interesses do leitor, ajudando-o a realizar o que pretende” (Signorini, 2013, p. 203).

No capítulo seguinte, *Educação linguística na formação de professores*, o nono da obra, Marilda C. Cavalcanti debate a importância do que denomina *visão linguística ampliada* para o processo de formação de professores. Essa visão, segundo a autora, deve construir uma posição transdisciplinar que envolva os conceitos de *práticas translíngues* e *intercompreensão* na educação linguística do professor. Com efeito, mais do que conteúdos linguísticos, o professor em formação deveria desenvolver habilidades críticas para que possa aprender, construir novos conhecimentos e se envolver em práticas multilínguas em sua atuação em sala de aula. Em suas reflexões, Cavalcanti conclui ainda pela necessidade de investir num pensamento que relacione a formação de professores às necessidades tecnológicas advindas da globalização, o que poderia promover, assim, a aproximação entre professores e tecnologias.

No capítulo final da obra, *Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares*, Luiz Paulo da Moita Lopes ressalta a necessidade de cruzar fronteiras no campo da LA para dar conta da multiplicidade da vida contemporânea. Para tanto, o autor empreende uma comparação dos estudos da LA focados na questão identitária com aqueles empreendidos pela Sociolinguística Variacionista. Como principal diferença, o autor aponta o engajamento político de linguistas aplicados que vêm construindo alternativas de pesquisas no campo das *performances* identitárias em variados contextos, incluindo o contexto educacional. Para ilustrar suas informações, Moita Lopes empreende uma revisão de sua pesquisa no campo, partindo da abordagem socioconstrucionista das identidades sociais e chegando à *visão queer*, que agora permeia seus trabalhos. O autor finaliza o capítulo apresentando a necessidade de, ao mesmo tempo em que devemos nos compreender como sujeitos construídos em/pelas diversas *performances*, lutarmos em defesa daqueles que sofrem efeitos de compreensões misóginas, homofóbicas e racistas, na esperança de que, ao final, prevaleça a lógica *queer*.

Em seu conjunto, os dez capítulos da coletânea contribuem para a compreensão atual sobre o que tem sido realizado na área de ensinagem de línguas no contexto brasileiro. E, como consequência, nos permitem compreender o processo de redescritção pelo qual passa a LA nacional. Reunidas a partir da visão *indisciplinar* desse campo de pesquisas, as contribuições que constroem a obra figuram em um quadro claro e diverso sobre os rumos que a LA tem tomado, rumos esses, como afirmado por Moita Lopes (2006), sempre transitórios e mutáveis, o que nos impede em transformar os textos que constroem o volume como retrato fiel e definitivo da área de ensinagem de línguas no Brasil. E esse papel, o de construção de um panorama das pesquisas realizadas na área, é efetivamente realizado nas páginas compostas em homenagem à grande linguista aplicada Maria Antonieta Alba Celani.

Referências

CELANI, Maria Antonieta Alba. (Org.). **Professores e formadores em mudança**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

FREITAS, Maria. Tereza de Assunção. "Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um possível encontro". In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 295-314.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela. "As identidades situadas, os documentos curriculares e os caminhos abertos para o ensino de língua portuguesa no Brasil" In: GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcel Alvaro de. CARVALHO, Alvaro Monteiro. (Orgs.). **Linguística aplicada e ensino: língua e literatura**. Campinas: Pontes, 2013, p. 77-114.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. "Formação inicial e continuada de professores como ato responsável: (trans)formações de uma pesquisadora-multiplicadora". In: SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; BARBARA, L. (Orgs.). **Maria Antonieta Alba Celani e a linguística aplicada: pesquisadores-multiplicadores em (inter)ações**. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 57-82

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra BARBARA, Leila. (Orgs.). **Maria Antonieta Alba Celani e a linguística aplicada: pesquisadores-multiplicadores em (inter)ações**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

Recebido em: 13/11/2015. Aceito em: 19/05/2016.